

Uma abertura "para o FMI ver"

por Sônia Jourdani
de São Paulo

"Não vi em resolução nenhuma, das baixadas quarta-feira pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), a determinação de queima de reservas." A frase é de Paulo José Possas, vice-presidente da Corporação Bonfiglioli, e foi pronunciada na tarde de sexta-feira, quando consultado por este jornal a respeito da aparente contradição entre o empenho do governo em acumular saldos comerciais e sua decisão de abrir mais importações.

Aliás, a liberalidade com que as compras externas foram tratadas na última reunião do CMN foi interpretada por Paulo Possas mais como uma providência "para o FMI ver" do que como indicio de uma

real intenção do governo em promover o aumento das importações. "Na verdade", disse ele, "o que vai acontecer é a manutenção das importações nos mesmos níveis atuais, talvez com um pequeno aumento das compras de matérias-primas."

"PENTE-FINO"

O governo, na opinião de Possas, continuará contando com o "pente-fino" da Cacex na liberação das guias de importação, acionado sempre que for o caso de coibir impulsos aquisitivos que contrariem seus interesses. Mas é possível que esse controle nas guias nem seja necessário. Mesmo porque, explicou o vice-presidente da Corporação Bonfiglioli, dois elementos correm contra a elevação das compras externas. O

primeiro é a escassez de crédito, inibindo ainda mais os investimentos, já desestimulados por um prolongado período de desaceleração econômica.

O segundo, no seu entender, é o violento encolhimento do mercado interno, de modo que, atualmente, não há espaço para uma colocação maior de produtos de consumo. Possas citou o caso da Corporação Bonfiglioli, que importa muito pouco, de US\$ 4 milhões a US\$ 5 milhões em alimentos, e neste ano está registrando uma retração de 25% nas suas compras externas. Não apenas em função da queda no consumo de alimentos, mas também graças a um bem-sucedido programa de substituição de importações (ervilhas, por exemplo).